

UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DO CONTO “VOZES NA SANZALA” (*KAHITU*), NA AULA DE LITERATURA ANGOLANA¹

A READING EXPERIENCE OF 'THE SHORT STORY 'VOICES IN THE SANZALA' (*KAHITU*), IN THE ANGOLAN LITERATURE CLASS

Tânia Lima (UFRN)²

Leovigildo António (Ekuikui-II)³

Resumo: Este estudo apresenta uma experiência de mediação da leitura literária desenvolvida no âmbito da disciplina de Literatura Angolana II, com estudantes do Curso de Ensino da Língua Portuguesa, no Instituto Superior Ekuikui II, Huambo. A proposta teve como base o conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”, de Uanhenga Xitu, e partiu da constatação das dificuldades no trabalho com textos literários em contextos de ensino superior em Angola. A experiência visou promover a leitura crítica, a valorização da oralidade e o fortalecimento da identidade cultural a partir da literatura angolana. A metodologia baseou-se na pesquisa-ação organizada em dez aulas e na estrutura da sequência didática literária. O processo foi sustentado teoricamente por autores como Geraldi (2015), Cosson (2006), Solé (1998), Freire (1989), Riolfi (2018) e estudiosos da tradição oral bantu, como Altuna (2014), Leite (1998), Tchimboto (2024) e Vansina (2010). Os resultados indicam que a mediação crítica da leitura pode favorecer a formação de leitores reflexivos e conscientes, contribuindo com a humanização do ensino da literatura no contexto angolano.

Palavras-chave: mediação da leitura; literatura angolana; oralidade; Uanhenga Xitu.

Abstract: This study presents an experience of literary reading mediation carried out within the course Angolan Literature II, involving students enrolled in the Portuguese Language Teaching programme at the Ekuikui II Higher Institute, Huambo, Angola. The proposal was based on the short story “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)” by Uanhenga Xitu and emerged from the observation of difficulties in working with literary texts in higher education contexts in Angola. The experience aimed to promote critical reading, enhance the appreciation of orality, and strengthen cultural identity through Angolan literature. The methodology was grounded in action research and was organised into ten teaching sessions following the framework of a literary didactic sequence. The process was theoretically supported by scholars such as Geraldi (2015), Cosson (2006), Solé (1998), Freire (1989), and Riolfi (2018), as well as researchers of the Bantu oral tradition, including Altuna (2014), Leite (1998), Tchimboto (2024), and Vansina (2010). The findings indicate that critical

¹ Este trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, na Especialidade de Ensino da Língua Portuguesa, intitulada “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)” e sua integração no ensino angolano, mediação da leitura literária do conto na aula de Literatura Angolana no *Ekuikui-II* do Huambo, defendida no dia 21 de julho de 2025, no Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe-Angola.

² Professora Titular Departamento de Letras - UFRN, com especialidade em Literatura Africana e Indígena; Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes - Profartes - contribuindo também como professora colaboradora do Mestrado em Educação do Instituto Superior de Ciência da Educação - ISCED-Sumbe - Angola. Atualmente, realiza pesquisa de pós-doc sobre a poesia de Conceição Lima na UFRJ, sob supervisão de Carmen Tindó. E-mail: tania.lima@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4002-0017>.

³ Mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Sumbe; graduado em Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Huambo, Agente Público do Ministério da Educação, com a função de professor de Língua Portuguesa, no Colégio Comandante Dangereux do Huambo, docente de Literatura Angolana, no Instituto Superior de Humanidades e Tecnologias Ekuikui-II do Huambo; investigador em Estudos Literários Africanos e membro do grupo de pesquisa em Discurso Sujeito e Ensino (DISSE), afecto à Universidade Federal do Pará-Brasil. E-mail: leovigildoantonio49@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7418-3421>.

mediation of literary reading can foster the development of reflective and critically aware readers, thereby contributing to the humanisation of literature teaching in the Angolan context.

Keywords: literary reading mediation; angolan literature; orality; Uanhenga Xitu.

Introdução

A literatura, como forma de expressão estética é, também, um instrumento de construção de sentidos, de memória coletiva e de resistência cultural. No contexto educativo angolano, o ensino da leitura literária enfrenta desafios diversos, sobretudo no que se refere à valorização da literatura nacional e à formação de leitores críticos. A prática pedagógica ainda se mostra distante das necessidades de um ensino transformador e comprometido com a realidade sociocultural dos estudantes.

O nosso estudo, que é um recorte da dissertação de mestrado, relata uma experiência de mediação da leitura do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”, de Uanhenga Xitu, realizada com os estudantes na disciplina de Literatura Angolana II, no Instituto Superior Politécnico de Humanidades e Tecnologias *Ekuikui* II, na província do Huambo. A iniciativa surgiu da necessidade de repensar as práticas de leitura literária no ensino da Literatura Angolana no ensino superior, sobretudo na formação inicial de futuros professores de Língua Portuguesa. Trabalhar com esses estudantes pode ser justificado pelo fato de estarem a ser preparados para assumir a posição de principais mediadores da leitura literária nas escolas, cabendo-lhes a responsabilidade de promover um ensino que valorize a identidade cultural angolana e o património literário nacional.

A experiência foi desenvolvida a partir de uma sequência didática estruturada em dez aulas, com atividades de leitura segmentada, análise interpretativa, produção textual e dramatizações. A proposta foi orientada por pressupostos teóricos que valorizam a leitura como prática social, dialógica e crítica. Em consequência dessa contextualização da pesquisa e da descrição da situação problemática, surgiram as seguintes questões de pesquisa:

- Que conhecimentos os estudantes têm sobre a cultura tradicional bantu?
- Como a cultura tradicional bantu se presentifica nos textos de Uanhenga Xitu?
- Que necessidade se tem de ler Uanhenga Xitu, na escola?
- Como desenvolver atividades de mediação de leitura literária, a partir do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”?

Para responder a essas questões, definimos o seguinte objetivo geral: promover uma experiência de leitura literária crítica e contextualizada, mediada a partir do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”, de Uanhenga Xitu, no contexto do ensino superior. E, para dar segmento ao estudo, definimos os seguintes objetivos específicos:

- Desenvolver a competência leitora crítica dos estudantes;
- Reconhecer o papel da oralidade e da tradição na Literatura Angolana;
- Estimular a reflexão crítica sobre a identidade cultural e a herança colonial;
- Incentivar práticas de reescrita e criação textual a partir do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”;
- Valorizar a presença da Literatura Angolana na formação de professores.

Assim, do ponto de vista da organização, este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresentamos a fundamentação teórica que sustenta a proposta de mediação

da leitura literária no contexto angolano com base em autores que abordam a leitura crítica, a oralidade e a tradição cultural bantu. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados, com destaque para a abordagem da pesquisa-ação. No corpo do texto, procuramos detalhar a experiência didática realizada com os estudantes por meio da aplicação de uma sequência de leitura do conto “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)”. Por fim, discutimos os principais resultados alcançados e apresentamos as considerações finais com propostas para o fortalecimento do ensino da Literatura Angolana.

1 Fundamentação teórica

É bem verdade que a sala de aula é um lugar de interação, um espaço onde se reflete sobre o passado, o presente e o futuro, ou seja, é um lugar onde se analisam vários contextos da vida. Diante da dificuldade de trabalhar o texto literário em contexto de sala de aula, tendo em conta o espaço reduzido que se atribui à leitura e compreensão de textos no ensino angolano, apresentamos uma estratégia que visa alargar o horizonte de compreensão dos textos literários. Dadas as várias dificuldades por partes dos professores de língua portuguesa e literatura angolana, partilhamos a experiência de leitura do conto “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)”, estruturada a partir da mediação literária, que se revelou ser um processo assaz enriquecedor para os estudantes e futuros professores de Língua Portuguesa, tanto no aspeto interpretativo da narrativa, quanto na compreensão sobre a cultura tradicional bantu.

Nesse sentido, servindo-se da concepção teórico-prática de Geraldini (2015) e de Riolfi (2018), a leitura foi mediada com base numa perspectiva estratégica que visou estimular, nos estudantes, a interação crítica com o texto e promover não apenas a percepção da narrativa, mas também o reconhecimento da sua relevância no processo de preservação e conservação da tradição oral africana. Com isso, a partir desta experiência de mediação, concebemos a leitura como um processo dialógico, no qual o leitor constrói sentidos a partir de sua interação com o texto e com outros leitores. Essa visão dialoga com a proposta de Cosson (2006), que apresenta a sequência didática literária estruturada em quatro momentos: motivação, leitura, interpretação e criação. Dessa forma, a leitura do conto “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)” “foi pensada e organizada em etapas, para permitir que os participantes, neste caso os estudantes, explorassem as diversas nuances da narrativa, desde a contextualização da obra e do autor, até a análise dos principais conflitos e do desfecho da história.

A perspectiva de Solé (1998) foi mobilizada para enfatizar a leitura como prática estratégica, que exige planeamento, previsão, verificação e monitoramento da compreensão. Solé defende que a aprendizagem leitora deve ocorrer de forma sistemática e contextualizada. Inspiramo-nos ainda em Freire (1989), que defende a possibilidade de existência de uma pedagogia da leitura do mundo, em que o leitor é sujeito ativo na construção do conhecimento. A mediação que propusemos procurou problematizar o texto, valorizando as vivências dos estudantes, e promover, na sala de aula, uma leitura crítica da realidade. No campo da tradição oral, recorremos aos estudos de Altuna (2014) e Tchimboto (2024) que, em certa medida, destacam o valor pedagógico da oralidade africana como forma de transmissão de saberes ancestrais. A narrativa de Uanhenga Xitu foi lida como expressão dessa herança cultural, que resiste à colonialidade e afirma a identidade africana. Na proposta também levamos em consideração os apontamentos defendidos por Riolfi (2018), que enfatiza a importância de estruturar a mediação da leitura literária com intencionalidade pedagógica, respeitando o tempo do leitor, sua cultura e sua linguagem.

Quadro 01 - Planificação e elaboração do plano de leitura e da sequência didática para mediação da leitura literária de “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”

1	Levantamento teórico e contextualização do estudo;
3	Pesquisa sobre Uanhenga Xitu e seu papel na Literatura Angolana e a importância do conto no texto africano;
4	Revisão teórica sobre a mediação da leitura literária, com base em Geraldi (2015), Cosson 2006), Solé (1998) e Freire (1989).
5	Definição dos objetivos, com base nas expectativas do professor em relação às habilidades e às competências que se pretende desenvolver nos estudantes ao longo das aulas;
6	Planificação do passo a passo das aulas desenvolvidas,

Fonte: Adaptado da pesquisa de Riolfi (2018, p. 3)

1.1 Levantamento teórico e contextualização do estudo

Cada um dos momentos foi importante na medida em que contribuiu com a efetivação do plano de estudo, o levantamento teórico e a contextualização. Na investigação prévia da obra que selecionamos e do seu autor, tivemos de buscar outros paradigmas de análise da obra e do autor. No entanto, a contextualização de qualquer obra literária, sobretudo a “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”, exige uma leitura crítica, considerando o tempo histórico, o espaço sociocultural e político em que foi escrita, além da análise de temas recorrentes e do estilo narrativo do autor, principalmente no que se referiu ao facto de a obra se assentar no quadro da Literatura Angolana do pós-independência, com forte valorização da oralidade, da denúncia social e da revalorização da identidade cultural africana. Esse levantamento e essa contextualização do estudo nos ajudaram, portanto, a antecipar alguns sentidos possíveis, preparamo-nos para orientar os estudantes para uma leitura mais significativa e evitar interpretações descontextualizadas. Para esse levantamento, três questões foram fundamentais:

- 1) Estabelecer a diferença entre literatura de Angola e Literatura Angolana;
- 2) Analisar o papel da literatura angolana no contexto de luta pela independência;
- 3) Identificar os temas e os autores que se destacaram nesse período.

Embora alguns dados já fossem do nosso conhecimento, não deixamos de fazer essa busca, em função da dinamicidade dos estudos, aliado ao reconhecimento das nossas limitações no estudo sobre Uanhenga Xitu, que, sendo um dos maiores nomes da Literatura Angolana, conhecido pelo seu compromisso com a valorização da cultura nacional, da memória coletiva e das vozes silenciadas pelo colonialismo, sua figura, assim como sua obra, são matérias de estudo de muitos especialistas e, por isso, tivemos de alargar o horizonte de pesquisa, procurando definir um plano de leitura que nos permitisse fazer com que os estudantes compreendessem a relevância do autor e do conto no currículo, ao mesmo tempo em que articulássemos com outros saberes locais e universais, no âmbito da nossa Unidade Curricular de Literatura Angolana II.

1.2 Revisão teórica sobre a mediação da leitura literária

Sendo a mediação de leitura uma realidade pouco explorada no contexto angolano, a revisão teórica sobre a mediação da leitura literária forçou-nos a fazer buscas paralelas em outras realidades e inseri-las no nosso contexto de ensino. Nessa perspectiva, recorreremos a alguns autores para fundamentar a prática da leitura na escola, mormente Geraldi (2015), que defende uma prática de leitura que não se limita à decodificação, mas que forma sujeitos críticos, capazes de interpretar o mundo e o texto.

Cosson (2006), por sua vez, propõe o modelo de sequência didática literária, organizado em quatro etapas: motivação, leitura, interpretação e criação. Esse modelo foi essencial e demasiado inspirador para a estruturação do nosso plano de leitura.

Solé (1998) também foi importante, sobretudo por focar na leitura como um processo estratégico, que envolve prever, verificar, inferir e monitorar o entendimento, o que exige práticas que desenvolvam a autonomia leitora e, por essa perspectiva, a autora foi determinante no acompanhamento de cada atividade realizada pelos alunos.

De acordo com Solé (1998), as estratégias de leitura são de extrema relevância no processo de ensino e aprendizagem. A autora entende que o trabalho com diferentes gêneros textuais pode favorecer significativamente o desenvolvimento de competências leitoras nos estudantes. Para Solé (1998), a aprendizagem da leitura não acontece de modo aleatório, mas pode ser construída por uma prática contínua.

Nesse sentido, ao colocarmos os alunos em contato frequente com diversos textos, entre os quais os tradicionalmente angolanos, procuramos estimulá-los a utilizar, de forma progressiva, os mecanismos para a construção de sentido, tornando-os leitores críticos, participativos e conscientes.

Por fim, não deixamos de buscar por Freire (1989), que, em todos os contextos, inspira uma leitura do mundo antes da leitura da palavra, valorizando o contexto do leitor e propondo uma mediação dialógica, centrada na problematização e na construção coletiva do conhecimento. Esse parecer foi crucial nas leituras de reconhecimento do texto, ajudando-nos a encontrar o sentido do título e a relação que estabelece com o conteúdo narrado e, no fim, a fazer um paralelo com a realidade angolana atual. Portanto, essas referências contribuíram com o nosso plano de leitura, levando-o além da compreensão literária, para que promovesse, de verdade, uma leitura crítica, dialógica e transformadora.

2 Procedimentos metodológicos

A nossa investigação se insere no campo da pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, inspirada na abordagem da pesquisa-ação. A experiência de leitura foi realizada com uma turma de estudantes do 3.º ano do Curso de Ensino da Língua Portuguesa, durante o segundo semestre letivo. Nesse sentido, servimo-nos da mediação literária, que nos permitiu utilizar um conjunto de atividades, organizadas em uma sequência didática composta por dez aulas, desenvolvidas ao longo de dois meses.

A mediação da leitura foi realizada a partir da divisão do conto em blocos temáticos, facilitando o acompanhamento e a interpretação da narrativa, tendo como base duas perspectivas práticas sobre a leitura de textos em contexto de sala de aula. Primeiramente, consideramos a proposta de Geraldi (2015), “A aula como acontecimento,” na qual o autor destaca a importância da interação e da partilha de experiências na construção de sentidos na sala de aula, conduzindo a aula por um espaço de aproximação entre o professor e o aluno.

Em seguida, a proposta de Riolfi (2018), que, na sua “Fruição de textos literários em sala de aula”, nos deu luzes para experimentarmos a fruição de “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)”, com os nossos alunos. Assim, foi realizada uma oficina de leitura literária com vistas a possibilitar e facilitar a compreensão e interpretação do conto, identificando nele as marcas da oralidade que legitimam o discurso literário de Uanhenga Xitu e se apresentam como fonte de conhecimento e expressão de sabedoria das identidades africanas, bem como a relação que essa oralidade estabelece com as outras manifestações culturais, históricas e sociais compiladas na narrativa.

Tendo se confirmado a existência de muitas abordagens teóricas sobre a narrativa de Uanhenga Xitu, em Angola, no Brasil, em Portugal e em outros países, lamentamos o fato de termos verificado certa insuficiência na maneira de se trabalhar o texto literário em contexto de sala de aula, no ensino angolano. Por essa razão, optamos por esta pesquisa com fundamento na integração do conto “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)” por meio da mediação literária, com vistas à

promoção do interesse pela leitura crítica e ao desenvolvimento e apuração do sentido estético dos alunos, voltado aos assuntos de África. Dessa feita, objetiva-se fazer mais do que uma descrição cultural da obra e do autor, mas, sobretudo, sugerir uma proposta didático-metodológica de acordo com Geraldi (2015) e Riolfi (2018), na perspectiva de tornar o estudo distinto das demais abordagens sobre Uanhenga Xitu e o conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”. Com isso, pensamos em elaborar um plano de aula que envolvesse os estudantes de forma dinâmica, participativa e, sobretudo, dialógica, fundamentado nas principais teorias de mediação da leitura.

Em primeira instância, pensamos em definir uma estratégia que nos possibilitasse encontrar um equilíbrio entre a abordagem teórica que fizemos sobre Uanhenga Xitu e a análise prática do texto feita pelos estudantes. Dessa forma, como já referimos anteriormente, optamos por adotar uma sequência didática proposta por Riolfi (2018), que respondesse à seguinte interrogação feita pela autora: “Existe fruição de textos simples?”

Na aula de literatura e seus enredos, a autora nos apresenta um exemplo de sequência didática com o único livro possível, o “*menino do dedo verde*”, que foi trabalhado em uma oficina, num contexto em que não havia muito material disponível, mas ainda assim, conseguiu-se realizar um trabalho que permitiu a apresentação da dimensão da fruição Riolfi (2018).

Nesse sentido, nos servimos desse exemplo como inspiração para ajudar a construir o que se considera como uma síntese semântica do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”, com o objetivo de promover uma verdadeira experiência de leitura literária transformadora, que mobilizasse a interação dos próprios estudantes na sala de aula, apelando à reflexão crítica sobre a vivência africana na sanzala e que, desse modo, se valorizasse a aula como um espaço de criação e interpretação dos fenômenos sociais.

Diante dessa situação e, sobretudo por estarmos a trabalhar com estudantes do 3º ano, do ensino universitário uma proposta pensada para o ensino geral, justificamos com o fato de que esses mesmos alunos estarem a ser formandos para atuar como professores de Língua Portuguesa no I e II ciclos do Ensino Secundário, que corresponde ao Ensino Geral em Angola. Ou seja, a proposta foi desenvolvida com os futuros professores para que eles experimentassem uma metodologia que, posteriormente, pudessem adaptar e implementar na sua prática profissional.

Esse princípio funcionou como uma exigência, transcorrida em todas as atividades de compreensão e interpretação, pois obrigou os estudantes a ficarem atentos em cada detalhe do texto. Com isso, tendo em conta as especificidades da aula de literatura, pensamos em uma sequência didática que nos conduzisse à leitura do conto, passando, antes disso, por um processo de abstração dos conhecimentos prévios dos estudantes, em relação às obras e autores da Literatura Angolana, assim como da realidade de leitura de cada um dos alunos e, também, termos um ponto de situação sobre o conhecimento que eles têm da cultura tradicional bantu.

3 Estratégia de leitura e interpretação do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”

Dadas as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no acesso à obra em suporte físico, uma realidade que é muito recorrente no contexto educativo angolano, frequentemente marcado por limitações no acesso ao livro, optamos por disponibilizar o conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)” de Uanhenga Xitu, em formato digital (PDF). Essa decisão visou democratizar o acesso ao texto literário, garantindo que todos os alunos pudessem usufruir a leitura, independentemente das suas condições económico-financeiras.

A opção pelo formato digital encontra-se respaldada na necessidade de nos adaptarmos às condições materiais da sala de aula e à promoção de práticas inclusivas de leitura. Segundo Soares (2002), “a mediação da leitura deve considerar os meios acessíveis ao leitor, de modo a garantir a sua plena participação no processo de construção de sentido.” Assim, a versão em PDF foi compartilhada com os estudantes através de dispositivos móveis, e alguns preferiram imprimir em folhas de papel A4, separadas, conforme os recursos disponíveis por eles.

Com isso, levando, ainda, em consideração a extensão da obra e os desafios de leitura contínua por parte de leitores em formação, visto que trabalhamos com futuros professores, pensamos em organizar a narrativa em capítulos, a partir da estrutura do enredo. Essa divisão organizativa teve como objetivo tornar a leitura mais fluida e facilitada, garantindo a compreensão progressiva da narrativa, favorecendo a abordagem pedagógica por etapas. A estratégia de segmentar o texto respeita os princípios da leitura orientada, defendida por Solé (1998), que destaca a importância de conduzir o aluno à descoberta gradual dos sentidos do texto, respeitando o seu ritmo de leitura e promovendo o envolvimento afetivo e cognitivo com a obra. Guiados por esse princípio e inspirados, uma vez mais, em Riolfi (2018), optamos pelo seguinte quadro, que nos permitiu organizar a leitura do conto a partir blocos lógicos:

Quadro 02 - Divisão da obra com objetivo de facilitar a atividade pedagógica e leitura dos estudantes

Blocos	Capítulos	
1	Capítulos 1 e 2	Apresentação das personagens e descrição da história do nascimento de Kahitu);
2	Capítulos 3 e 4	Narração das ações que desembocarão no conflito principal, kaxema, aleijado, discriminação de Kahitu;
3	Capítulo 5	Kizolexa, exclusão social ou cultural, Kahitu e Saki;
4	Capítulo 6	Clímax Kahitu engravida Saki e é levado ao tribunal:
5	Capítulo 7	Desfecho da narrativa.

Fonte: Adaptado da pesquisa de Riolfi (2018, p. 5).

Dessa forma, a reorganização do conto em partes menores, permitiu-nos trabalhar cada segmento com maior profundidade, visando promover, cada vez mais, momentos de discussão, análise textual e interpretação literária, alinhando-se à proposta de uma mediação de leitura literária ativa, centrada no leitor e na construção coletiva de sentido, à luz do pensamento de Cosson (2006). E, como complemento a essa organização, dividimos a turma em seis grupos, cada um deles constituído por seis integrantes.

4 Resultados das atividades realizadas na sequência didática

Em primeira instância, para levar o texto aos estudantes, pensamos e elaboramos uma sequência de aulas que nos permitiu a realização de uma leitura completa do conto “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”; foram desenvolvidas dez aulas, distribuídas ao longo de dois meses, com atividades voltadas à leitura, análise, interpretação, contextualização e produção textual, tal como ilustra a sequência a seguir:

4.1 Apresentação da obra e do autor

- Introdução sobre a Literatura Angolana e a importância de Uanhenga Xitu;
- Discussão inicial: O que o vocês sabem sobre literatura angolana?
- Exibição de imagens e textos sobre o contexto histórico da obra.

Nessa primeira aula, o nosso objetivo principal foi informar os estudantes a respeito da Literatura Angolana, estabelecer os traços diferenciatórios entre Literatura de Angola e Literatura Angolana e, claramente, apresentar o autor Uanhenga Xitu e a obra “Vozes na Sanzala (*Kahitu*)”, que seria explorada ao longo da sequência didática. A escolha de começar pela contextualização da Literatura Angolana e pela importância do autor e da obra teve como fundamento pedagógico o princípio de que a leitura literária se torna mais significativa quando o leitor é situado no universo cultural, histórico e estético do texto (Cosson, 2006).

Desse modo, a aula iniciou com uma breve introdução à Literatura Angolana, abordando sua formação histórica e os principais momentos da sua periodização, com enfoque nos estudos apresentados por Ervedosa (1979). Os estudantes foram apresentando diferentes respostas sobre o conceito de Literatura Angolana: “É a literatura feita por autores angolanos”; “É a literatura que retrata a vida em Angola”; “É a nossa identidade representada através da escrita.” Como professor, valorizamos as respostas dos estudantes e ampliamos o conceito, aliando-se aos ditames de vários teorizadores.

A literatura angolana é uma expressão artística que nasce no contexto histórico, cultural e político de Angola. Ela não é apenas feita por angolanos nativos, mas também por indivíduos que, embora nascidos na Europa ou noutro país do continente Africano, tendo vivido em Angola refletiram e relataram o modo de vida dos angolanos, os conflitos, as tradições e os sonhos do povo (Ervedosa, 1979, p.32).

Os destaques, nessa aula, incidiram, principalmente, na literatura de resistência ao colonialismo, na literatura pós-independência e nos movimentos de afirmação identitária e outros fatores sociais e políticos que contribuíram com a expressão literária de cada época. Enfatizamos, também, a importância da literatura como espaço de construção de memória, identidade e consciência crítica. Conforme assevera Candido (2003), “a literatura pode humanizar ao criar pontes entre o indivíduo e o coletivo, entre o passado e o presente, entre o real e o possível.”

A seguir, foi feita uma breve apresentação bibliográfica de Uanhenga Xitu, destacando sua dupla identidade como escritor e figura política, engajada na luta de libertação nacional e na construção do Estado angolano pós-independência. Sublinha-se a forma como a sua escrita, marcada por uma forte presença da oralidade, do humor e da crítica social, contribui com a valorização das vozes subalternizadas e das tradições culturais angolanas.

Essa estratégia visou despertar o interesse e a curiosidade pela obra, além de promover uma primeira aproximação crítica e estética ao universo de “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)”. Para concluir a aula, propusemos um momento de escuta e partilha, no qual os estudantes foram convidados a comentar as suas expectativas em relação à leitura do conto e a relacionar o que aprenderam sobre o autor com suas próprias vivências ou conhecimentos sobre a história angolana.

Esse momento reforçou a ideia de que a literatura é um espaço de encontro entre experiências e subjetividades diversas. Além disso, ilustrou que o ato de ler deve ser, também, um ato de escuta. Após a finalização das discussões iniciais com os estudantes, que nos permitiram colher inúmeras informações sobre o que eles sabem da diferença entre Literatura de Angola e Literatura Angolana, chamou-nos a atenção o parecer de um estudante que, de uma forma muito segura disse:

“Ainda que sejam ambas literaturas e as duas terem o mesmo objeto de referência, neste caso Angola, a verdade é que uma só se refere a ela (Literatura de Angola), ao passo que a outra, Literatura Angolana, se constrói a partir dela, através do processo de angolanização do pensamento de quem a produz” [resposta de um aluno].

Assim sendo, servimo-nos desse parecer para fazer uma abordagem em forma de conclusão do debate, apresentar algumas referências bibliográficas para efeitos de consulta e melhor esclarecimento e, assim, encerrar as discussões do dia. Prevendo-se a preparação da próxima aula, pedimos aos estudantes que fizessem uma leitura prévia da narrativa, pois seria objeto de leitura coletiva nas aulas subsequentes.

4.2 Leitura do Conto “Vozes na Sanzala (Kahitu)” na sala de aula

- Leitura coletiva do conto em estudo (o primeiro capítulo);
- Levantamento de palavras desconhecidas e análise do vocabulário;
- Reflexão inicial sobre a linguagem e o estilo narrativo.

Essa aula teve como ponto central a realização de uma atividade que visou olhar para oralidade como resistência cultural e, desse modo, definimos o seguinte objetivo: compreender como a oralidade, na obra de Uanhenga Xitu, serve como base à resistência, à colonialidade e à preservação da identidade angolana.

A aula iniciou com uma brevíssima contextualização da oralidade nas literaturas africanas, forçando-nos a rebuscar alguns conceitos já introduzidos nas aulas iniciais, tais como o parecer de Leite (1998), sobre a oralidade nas literaturas africanas, assim como os importantes contributos de Tchimboto (2024) na abordagem sobre a oralidade do conto africano, fundamentalmente a relevância que atribui ao princípio metodológico *Sitz im Leben* no processo de apropriação do ambiente da narração. Nesse sentido, o esclarecimento sobre esse princípio contribuiu com a compreensão da origem do nascimento dos contos, na cultura africana.

No entanto, aproveitamos para situar Uanhenga Xitu como um escritor que recupera a oralidade tradicional para denunciar as injustiças sociais do colonialismo e valorizar a cultura tradicional angolana. Para evidenciar isso, servimo-nos dos seguintes dizeres de Uanhenga Xitu:

As minhas obras remetem para vida da sanzala, onde nasci, onde vi o sofrimento dos meus contemporâneos, os mais sofrendores. É dentro deste espírito que eu dedico mais os livros à vida social de um determinado povo, porque hoje, se verificar, a maior parte que escreve raramente o faz sobre a situação de uma sanzala ou de uma aldeia (Sá, 2009, p. 289).

Esse conto de Uanhenga Xitu foi publicado, pela primeira vez, em 1976 e apresenta uma forte valorização do universo cultural Kimbundu, caracterizado pela centralidade da oralidade, da espiritualidade e da relação entre o mundo visível e invisível. Nesse contexto, destacam-se figuras como as *kitutas*, os *kimbandas* e os *kilambas*, que desempenham funções essenciais na organização social e simbólica da comunidade no cultural bantu. A narrativa centra-se na história de Kahitu, um parálítico que assim nasceu pelo facto de seus pais não terem cumprido com determinados rituais dos ancestrais. "Era parálítico de infância. Desde a nascença nunca ficou de pé. No dia em que experimentou fazer o “*tende nhi kubane o mbui*”, cai” (Xitu, 2013, p. 61). O conto começa exatamente com uma alusão ao nascimento de Kahitu, com os pais totalmente preocupados, correndo de lugar em lugar, de *kimbanda* a *kimbada*, por formas a encontrar a cura do filho.

Na sequência do estudo, orientamos a realização da leitura coletiva do conto, conduzida de forma participativa, com paradas para explicações, cadência da narrativa, convidando alguns estudantes a fazerem alguns pronunciamentos pontuais em relação às observações a uma passagem importante do texto. Essa prática foi fundamental para evidenciar os mecanismos de oralidade presentificados no texto, a partir de expressões idiomáticas, ritmo linguagem e marcas típicas do português angolano, ornado de palavras resultantes de empréstimos lexicais do kimbundu.

Durante a leitura, notamos o envolvimento dos estudantes com as falas das personagens, sobretudo com tons de ironia; em muitos casos, algumas dessas expressões criavam risos, outros foram fazendo alguns comentários espontâneos, o que nos pareceu ser resultado de uma identificação dos alunos com a linguagem do texto. Concluída a primeira parte da leitura, propusemos a realização de uma atividade de levantamento de palavras e expressões desconhecidas

⁴ *tende nhi kubane o mbui* – tem-tem para te dar uma bola de funji (pirão de farinha de mandioca, milho ou batata-doce).

e análise do vocabulário presente no texto.

Os estudantes alistaram, quase todos, as seguintes palavras: *kaxena, kikata, fimbar, refi, kiper, mbuazaria, ngakukuata, kiatengue, kauelemu, mataka, umboxa, sungular, kizangala, disanga, kisoko*. Essa atividade permitiu explorar o vocabulário como marca identitária na narrativa “Vozes na Sanzala (Kahitu)”; para dar mais consistência ao estudo, propusemos, também, a discussão sobre as escolhas linguísticas de Uanhenga Xitu, verificando como sua linguagem se afastava do português-padrão eurocêntrico e dos centros urbanos, primando pela valorização do falar popular angolano. Lembramos aos alunos a divisão classista, no período colonial.

Diante disso, sugerimos a construção de um microdicionário de vocábulos da obra, com o objetivo de desenvolver a consciência linguística e o enriquecimento do vocabulário dos estudantes, mas reconhecendo as implicações e temendo atrapalhar a continuidade da sequência, deixando tudo a critério dos alunos. Durante a análise do vocabulário da narrativa, um estudante, impressionado, disse-nos:

“Professor, Uanhenga Xitu, ao recorrer à oralidade e aos traços da língua *kimbumdu*, língua das comunidades, vem nos mostrar, realmente que a oralidade e a escrita são duas coisas distintas, a oralidade nos traz coisas que a escrita nos restringe, Manuel Rui tinha razão” e cita “a escrita não tem árvore, nem os rituais” [e destacou, para além de algumas passagens do texto, expressões como: só cachorro, só sacana de merda, mê lê ainda, ainda essa carta] (transcrição da fala de um aluno).

Foi um momento de partilha significativa, muito rico em experiências, visto que alguns estudantes chegaram a associar muitas expressões ao cotidiano deles, muitos alegaram já ter ouvido certas palavras em casa. Isso nos ajudou a fortalecer o sentido de pertença e a ligação entre o texto e o seu universo cultural e alguns alunos, partilhando suas experiências pessoais, dizendo que seus pais, embora não tivessem nível alto de escolaridade, sabiam muita coisa; outros lembraram muitas histórias que ouviam de seus avós, que nunca viram escritas em lugar nenhum, mas que já tinham ouvido algumas versões semelhantes.

Na continuação da aula, conduzimos uma reflexão profunda, na qual orientamos que os grupos realizassem uma tarefa que consistiu em:

Quadro 03 - Tarefa em grupo aplicada na sala de aula

1 ^a	Ler alguns trechos da obra que tratem da oralidade e do seu papel na construção da narrativa.
2 ^a	Pesquisar e listar três provérbios africanos mencionados na obra ou que tenham relação com a cultura tradicional bantu.
3 ^a	Em um pequeno texto (10-15 linhas), explicar como esses provérbios refletem a visão de mundo na cultura bantu.

Fonte: elaborado pelo autor. (2026)

Em relação à primeira tarefa, os estudantes puseram-se a ler trechos do texto, com os olhos fitos nas modulações frásicas, construídas dentro dos padrões da oralidade, que era o teor da tarefa em grupo e, sobre nossa orientação, foram respondendo:

Grupo B: “A oralidade, sendo a forma vulgar ou popular que um determinado povo tem de se expressar nos moldes da tradição, assim sendo, desempenha um papel importante na narrativa porque dá vida ao texto e introduz nele as vozes da cultura africana”, isso pode se ver nesta passagem do texto: “*nga-ku-ambelamil?! Nga-ku-ambelamil!*”.

Grupo C: Uanhenga Xitu é um dos principais escritores da literatura angolana e sua obra reflete a maneira significativa, a tradição oral do nosso país. As narrativas

criadas por ele se servem de elementos típicos da oralidade africana como sinal de sabedoria ancestral. De fato, no texto há muitas passagens que demonstram isso [e cita uma passagem que na narrativa aparece em língua angolana, mas traduzida em português, ainda no interior do texto] “a paca come o capim que gosta”.

Esses dizeres dos estudantes, assim como outros não destacados aqui, mas considerados durante as aulas, nos fizeram retomar a visão de Benjamin (1998), segundo o qual a arte de narrar está a definhar-se por conta da não inclusão desses elementos, que o autor chama de “lado épico da verdade.” Essa realidade fica ainda mais evidente com a difusão do romance, que se distingue das demais formas de prosa, porque não procede da tradição oral. A discussão sobre esta temática ajudou-nos a ver que a cultura africana está em condições de rivalizar com qualquer outra cultura e só reforça a ideia de que a palavra, no seu sentido oral, para o homem bantu, “faz-se vida participada, autodoação da pessoa e comunhão interpessoal”, como defende Altuna (2014, p. 88).

A ideia de pesquisar e alistar os provérbios africanos, evidenciados na narrativa, pode ser justificada por diversos motivos, entre os quais se destacam a necessidade que temos de conhecer a cultura da qual somos descendentes e, por uma questão pedagógica, pois sabemos que os provérbios constituem uma forma de expressão autêntica no seio da cultura africana e funcionam como um grande repositório de sabedoria e de transmissão de valores que devem ser perpetuados, pois representam a visão do mundo enraizada nas tradições bantu.

Diante disso, um estudante retoma um provérbio já referenciado, “a paca come o que gosta”, e perguntamos se alguém queria comentar. Muitos disseram que fazia referência à necessidade de se fazer aquilo que se gosta, ou de se estar com quem se gosta, sobretudo nas relações amorosas, mas esse argumento foi contraposto por um aluno que afirmou:

“Professor, embora a passagem se refira a isso, em função do texto, nos levar a pensar dessa forma, mas se analisarmos melhor, vemos que esse provérbio precisa ser bem interpretado. sob pena de acharmos alguns pontos ultrapassados da nossa cultura. Professor, este provérbio surge, na narrativa, em função de um jogo amoroso; [e disse com segurança!] se virmos o Madima, até tentou cumprir com a tradição ao querer pretender a jovem *Kiaiangó*, mas esta reage de uma forma negativa porque não gostava do rapaz. Isso mostra que os valores já estavam a se perder naquela aldeia, porque antigamente quem escolhia a mulher ou o homem para se casar eram os pais do rapaz ou da rapariga.”.

Outro estudante, na mesma linha desse discurso, disse:

“Colegas, é importante que não deixemos de olhar o posicionamento do *Kabitu* que, apesar da decisão quase pronta da jovem que lhe pediu para escrever a carta, ainda se mostra preocupado e procura orientar a *Kiaiangó* a pensar bem, porque não era seguro que ela trocasse um homem da sua aldeia, para se casar com um *mutambi a mbiji*, um pescador”, [disse ele]

Essa discussão nos levou por muitos caminhos, mas ficamos contentes pelo fato de a narrativa ter criado esse espaço de abertura, dando a cada um a possibilidade de refletir sobre o valor simbólico dos provérbios e tentar respaldá-los na sua maneira de ver o mundo. Como professor, esclarecemos que o provérbio faz uma observação do comportamento animal, por comentar uma atitude humana. A paca, diminutivo de rapaca, “cabra do mato,” um animal que não come qualquer capim, escolhe cuidadosamente aquilo que come, no entanto, a expressão é usada como espécie de personificação analógica, para se referir a um homem ou uma mulher que tem suas preferências.

Com base na função dos provérbios, na cultura africana, aproveitamos para lembrar que

eles têm sempre uma finalidade moral e social, pois são usados para aconselhar, repreender ou mesmo refletir sobre condutas humanas, fazendo uma ligação com as discussões que tivemos anteriormente.

4.3 Aula de contextualização histórica e cultural da obra

- Discussão sobre o cenário histórico da Angola colonial e pós-colonial;
- Relação entre a narrativa e a realidade sociocultural angolana;
- Comparação com outras obras de Literatura Africana em língua portuguesa.

Iniciamos a aula com uma exposição fundamentada em um diálogo sobre o contexto histórico angolano, abordando o período pré-colonial, para que os estudantes pudessem entender o manancial da cultura africana, sem mestiçagens, no período colonial (com destaque para as políticas de assimilação, opressão e exclusão social) e o período pós-independência, marcado pela reconstrução identitária e pelo papel da literatura como forma de resistência, servimo-nos de um mapa, para evidenciar os limites entre os diferentes grupos étnicos que compõem o território angolano e, sobretudo, para ilustrar as mudanças sociais e culturais em Angola entre os séculos XX e XXI.

Nesse ponto, os estudantes foram convidados a relacionar todo esse contexto, apresentado com a vida e a obra de Uanhenga Xitu, reconhecendo o modo como as suas experiências pessoais, como prisioneiro político e ativista cultural, se refletem na construção do universo narrativo.

Tudo isso foi muito importante para fazer os alunos perceberem que a Literatura e a História são duas realidades contíguas, que se servem dos testemunhos dos homens que vivem em um determinado período e são condicionados pelos fatores inerentes a essa época. Nessa aula, o debate se agudizou quando orientamos os alunos a analisar os fenômenos sociais, tentando perceber a forma como Uanhenga Xitu se serve da herança cultural africana para resistir ao processo de expansão imperial ocidental portuguesa. Sobre isso, os alunos disseram:

Estudante do grupo 5: Tendo em contas as muitas alterações que o colonialismo causou na identidade angolana, a obra que estamos a estudar nos ajuda a entender que primeiro devemos conhecer a nossa cultura para podermos resgatá-la, isso porque como resultado deste embate com a cultura tradicional, a nossa cultura ficou completamente alterada

Estudante do grupo 2: A nossa cultura foi adulterada quando os colonos chegam ao território angolano, mas a situação se agrava com a proibição das línguas angolanas, como sabemos a língua é cultura, há muitos aspectos da nossa cultura que hoje se perderam porque as pessoas já não falam as línguas nacionais, nós mesmo estamos a ter algumas dificuldades em perceber algumas passagens do texto porque não falamos kimbundu.

Estudante do grupo 1: O impacto do colonialismo na literatura e na identidade africana foi nefasto, com a chegada dos portugueses a ocidentalização das sociedades africanas era uma meta a atingir, mas nem tudo foi negativo, há aspectos da cultura ocidental que não são tão diferentes da nossa cultura e hoje somos chamados a viver nesta harmonia entre as várias culturas do mundo.

Essas discussões foram importantes, porque nos levaram ao alcance dos objetivos centrais da nossa pesquisa, pois os estudantes já conseguiam entender essa confluência entre a cultura tradicional e os aspectos modernos. A seguir, promovemos uma roda de leitura e debate centrados em trechos do conto que evocavam práticas, crenças e relações sociais típicas da cultura bantu e da vida na sanzala. Os alunos foram incentivados a reconhecer elementos como:

- O papel do mais velho na comunidade, os ritos e as crenças da cultura tradicional bantu;
- O bilinguismo e o uso do kimbundu como marca identitária.

Esse incentivo surgiu pelo fato de Uanhenga Xitu se apresentar como mais velho, alguém que tem imunidade vitalícia e sabe da importância dos mais velhos na cultura tradicional bantu, como apregoa Altuna (2014, p. 217): “Na cultura tradicional bantu, o mais velho não é apenas quem tem mais idade, mas quem carrega em si a palavra da experiência, a sabedoria acumulada e o dever de transmitir valores aos mais novos.”

Sabemos que a herança cultural é passada de geração em geração, e o próprio Uanhenga Xitu sempre ressaltou a necessidade de se deixar um legado que pudesse ser perpetuado pelas gerações mais jovens. O bilinguismo se apresenta como uma marca notável na escrita de Uanhenga Xitu, demonstrando a presença simultânea do português e do *kimbundu*. Esse bilinguismo inclui marcas lexicais que, em muitos casos, agregam todas as estruturas sintáticas e culturais, que cruzam a oralidade e a escrita. A análise do bilinguismo constituiu um dos momentos mais significativos, porque os estudantes se mostraram curiosos por procurar entender as expressões que criavam estranheza e curiosidade, e houve quem lembrasse a ideia do microdicionário: “Eu sou de Luanda, mas meus pais são de Malanje, não falo *kimbundu*, mas no texto existem muitas palavras que eu já ouvi do meu avô” [depoimento de um estudante].

Mais uma vez, conseguimos aproximar o texto das vivências dos estudantes, mostrando que a literatura não é algo distante deles. Sobre o bilinguismo, ouvimos a discussão de alguns grupos que apresentaram o seguinte parecer: “O Uanhenga Xitu mistura duas línguas porque ele quer mostrar aos seus leitores que nós temos a nossa forma própria de usar a língua portuguesa e não precisamos usar o português da escola em todos os momentos.”

A análise do bilinguismo possibilitou aos estudantes uma leitura crítica da artificialidade da norma-padrão, abrindo um espaço para o reconhecimento da potencialidade linguística de Angola.

Considerações finais

Diante de tudo isso e partindo da constatação de que o ensino da leitura no país tem sido frequentemente guiado por modelos eurocêntricos, muitos deles distantes da experiência sociocultural dos estudantes; procuramos demonstrar como a valorização da tradição oral bantu pode reconfigurar as nossas práticas pedagógicas e promover uma aprendizagem mais significativa, culturalmente enraizada e identitariamente fortalecedora.

Com isso, as questões de pesquisa, que investigaram o conhecimento dos estudantes sobre a cultura bantu e a presença desta nos textos de Uanhenga Xitu, assim como a pertinência da sua leitura na escola e as possibilidades metodológicas da mediação, conduziram-nos a um longo percurso reflexivo e prático que evidenciou não somente o valor estético e histórico do autor e da obra analisada, mas sobretudo da sua potência educativa no processo de transformação do indivíduo, assegurando a continuidade do simbolismo cultural africano. Diante disso e com base nos objetivos traçados, conseguimos:

- Identificar as marcas da oralidade que se apresentaram como elementos estruturantes do discurso literário de Uanhenga Xitu, revelando uma articulação entre tradição, modernidade, memória e resistência cultural;
- Desenvolver uma sequência didática que colocou os estudantes em contacto direto com essa narrativa, promovendo não só a leitura crítica, mas sobretudo o reconhecimento e a valorização da nossa herança cultural africana;

- Demonstrar, por meio da experiência prática, que a mediação da leitura literária, quando bem orientada, pode aproximar os estudantes de suas raízes, promovendo uma leitura não apenas estética, mas também ética e profundamente identitária.

Assim sendo, este estudo confirma, portanto, a urgência de integrar, no nosso currículo escolar angolano, obras como as de Uanhenga Xitu, que materializam a oralidade africana em linguagem escrita, sem perder a sua essência tradicional. A leitura mediada de “Vozes na Sanzala (*Kabitu*)” revelou-se um recurso pedagógico eficaz na construção de uma educação que se quer libertadora, inclusiva e comprometida com a dignificação dos saberes locais. Com isso, podemos afirmar que o caminho ainda é longo, sobretudo porque a prática docente em Angola carece de formação contínua em mediação literária e de materiais didáticos que contemplem a diversidade cultural do país. Por isso, propomos:

- A criação de programas de formação docente centrados na valorização da literatura oral e na mediação da leitura literária;
- A revisão dos livros didáticos, com inclusão de textos literários angolanos, que contemplem a pluralidade linguística e cultural do país;
- A produção de sequências didáticas contextualizadas, com base em autores angolanos, que favoreçam a leitura crítica e culturalmente situada;
- O fortalecimento de políticas educativas que estimulem a integração da tradição oral nos currículos escolares, em diálogo com a modernidade e os desafios da globalização.

Como conclusão, temos a dizer que ler Uanhenga Xitu é escutar as ‘vozes da sanzala,’ é recuperar o que o tempo e o sistema colonial e todas as implicações que lhe são inerentes tentaram apagar, é reinscrever, no imaginário coletivo angolano, a memória viva de um povo, um povo sofrido, martirizado pelas sucessivas tentativas de subalternização. E mais, é tornar a sala de aula um lugar de encontros, um *odjango*, onde a palavra, o riso, o conselho e a experiência ganham lugar, sentido e dignidade.

Esperamos que esta pesquisa não seja, apenas, um dos muitos passos rumo a um ensino, mas que valorize, celebre e medie o que temos de mais precioso: a nossa história, a nossa voz e a nossa literatura oral africana.

Referências

ALMEIDA, Edelson Santana; RAMOS Mendes Marilúcia. Vozes na sanzala (*kabitu*), de Uanhenga Xitu, e *Quantas madrugadas tem a noite*, de Ondjaki: expressões literárias de uma sociedade em mudança. *Crítica Cultural* (Critic), Palhoça, SC, v. 6, n. 2, p. 469-484, 2011. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/776. Acesso em: 29/07/2024

ALTUNA, Raúl. *Cultura Tradicional Bantu*. 2. ed. Águeda (Portugal): Paulinas, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. 1994 p. 197-221.

CANDIDO, Antonio A vida ao rés-do-chão”, In: *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003. v. 5.

- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1979.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Col. Polêmicas do Nosso tempo. São Paulo: Cortez, 1989.
- GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. 2.ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2015.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática. 2011.
- KANDJIMBO, Luís. *O estatuto disciplinar da literatura angolana: um contributo para uma epistemologia dos estudos literários africanos*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa- Faculdade de Ciências Humanas. 2015.
- KANDJIMBO, Luís. A disciplinarização da Literatura Angolana: História, Cânones, discurso legitimadores e estatuto disciplinar. *Revista Angolana de Sociologia*, 5 (10), p. 49-79, 2017.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- RIOLFI, Cláudia. Existe fruição de textos simples? A aula de literatura e seus enredos. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). *Texto e leitura: lugares da subjectividade*. Campinas: Pontes. 2018. p. 113-128.
- SÁ, Ana Lópes. *Confluência do tradicional e do moderno na obra de Uanhenga Xitu*. Luanda: Escritores Angolanos, 2009.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três géneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TCHIMBOTO, Bonifácio. *Língua & culturas: Introdução à etnolinguística e oralidades africanas*. Luanda: Paulinas. 2024.
- VANSINA, Jan. *A tradição oral e sua metodologia*. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.) *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-164.
- VENANCIO, José Carlos. *A economia política do sistema literário em Angola: 1945-1990*. 1. ed. Lisboa: Palavra Africana, 1991.
- XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e outros contos*. GRECIMA, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2013.
- XITU, Uanhenga. *Vozes na Sanzala (Kabitu)*. GRECIMA, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2013.

Submetido em 31/07/2025

Aceito em 03/08/2026